



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

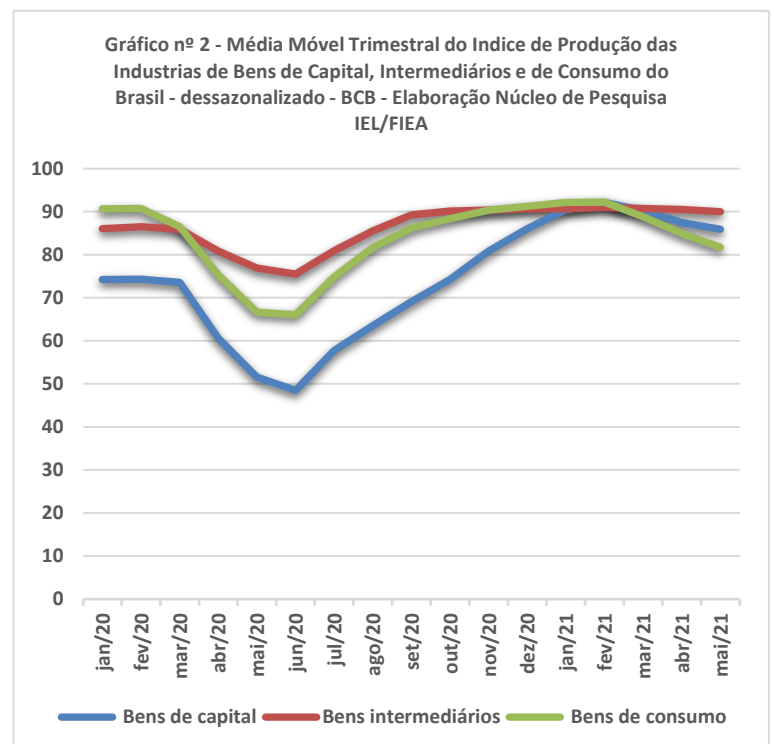
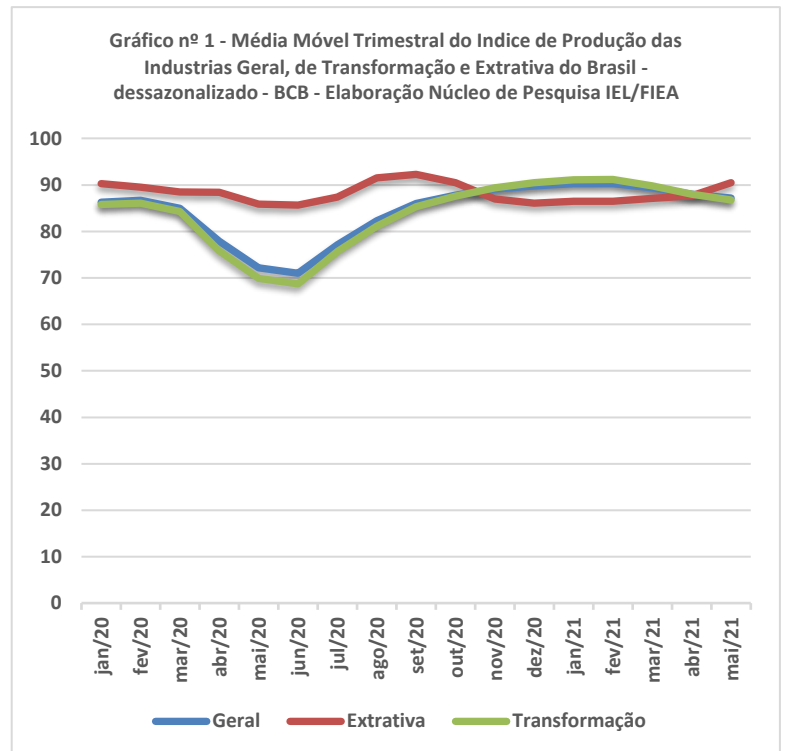
PANORAMA CONJUNTURAL

Maio de 2021

Publicado em Julho de 2021

INDÚSTRIA MANTÉM RITMO LENTO DE RECUPERAÇÃO

A indústria brasileira continua exibindo ritmo lento de recuperação e na média móvel trimestral, com a ajuste sazonal, os índices de produção da indústria geral e de transformação vem desde janeiro apresentando tendência de queda. A exceção é o setor extrativo, como pode ser observado no gráfico nº1, sustentado pela aumento das exportações de commodities. Por categoria de uso final, bens de capital e de consumo também apresentam tendência de retração desde o início do ano enquanto bens intermediários de estabilização, conforme dados exibidos no gráfico nº2. Mesmo voltando ao patamar de fevereiro de 2020 em termos de produção, a indústria em geral e de transformação estão abaixo de dezembro de 2020 cerca de 3,0% e 5,2%, respectivamente. Tal perda de dinamismo está relacionada ao ritmo ainda baixo de cobertura vacinal no país, só 18% da população tomou as duas doses, taxas elevadas de desemprego que junto com desalentados chega a 20% da população economicamente ativa e atraso na retomada do auxílio emergencial, que só foi reativado a partir de abril deste ano. Apesar da perda de dinamismo nos primeiros meses do ano, a mediana da expectativa do mercado financeiro para a produção industrial em 2021 passou 4,78%aa no início do ano para 6,36%aa, em meados de julho. A aposta do mercado é que o aumento da cobertura vacinal da população, acarretando na reabertura das atividades de comércio e serviços, associada a normalização nas cadeias de fornecimento de insumo acelerará o ritmo de retomada da indústria, a partir do segundo semestre. Do ponto de vista dos empresários da indústria, segundo a CNI, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) aumentou 0,3 ponto em julho de 2021. A alta no mês, embora pequena, é a terceira consecutiva com o ICEI acumulando crescimento de 8,3 pontos desde maio. As perspectivas favoráveis para o segundo semestre, não devem subestimar os obstáculos à recuperação industrial. Ou seja, níveis de desemprego ainda elevados, possíveis novas mutações do coronavírus, risco de crise hídrica, que, mesmo não resultando em racionamentos, pode ter impactos negativos pronunciados na tarifas de energia, sobre a taxa de inflação, como já está ocorrendo, e, conseqüentemente, sobre o poder de compra da população e os custos de produção das empresas.



MERCADO VÊ SELIC A 7,0%AA EM 2021

Nos últimos doze meses, o (IPCA) atingiu a taxa de 8,34% em junho levando o mercado a rever para cima suas expectativas de inflação para 2021 e 2022, como também para taxa Selic no período relevante para a política monetária. Na última pesquisa Focus do Banco Central, publicada em 19/07/21, a mediana do mercado é de IPCA de 6,31% e de 3,75%, no final deste e do próximo ano. No tocante a Selic, as taxas estimadas são de 6,75% e 7,0%, respectivamente.

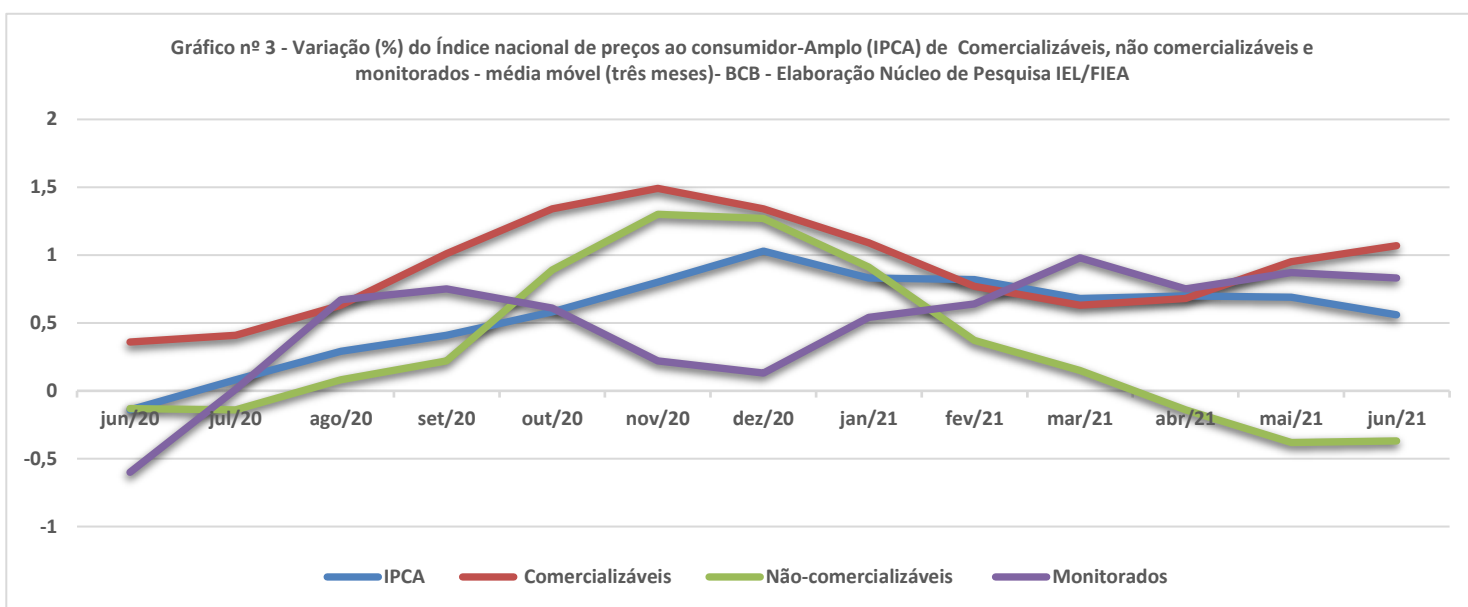
Ademais, recentemente houve mudança quanto à expectativa do mercado em relação ao percentual de aumento da Selic a cada reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM). Na pesquisa pré-copom feita pelo BCB junto ao mercado em junho, 94% responderam que a alteração na Selic deveria ser de 0,75% e 5% de 1,0%. Na última semana de julho houve inversão destes percentuais, ou seja, 84% passaram a apostar em aumento de 1% na próxima reunião do Copom. A perspectiva de aceleração da normalização da Selic tem levado a cotação do Contrato Futuro de Depósitos Interfinanceiros para janeiro de 2023 ao patamar de 7,4%aa.

Caso o Banco Central mantenha o ajuste

de 0,75% na Selic pode ser interpretado pelo mercado como uma política monetária estimulativa, no momento que as expectativas de IPCA para 2022 já se encontra acima do centro da meta de 3,5%. Por sua vez, acelerar o ritmo de aumento da Selic pode contribuir para abortar a recuperação econômica. Isto coloca a autoridade monetária em um dilema, principalmente em um momento de incerteza ainda elevada. Como amplamente discutido pelos economistas e analistas de mercado, a frustração com o desempenho do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) em maio não foi pequena. A expectativa mediana do mercado, segundo o Valor Data, era de crescimento de 1,1%, mas o indicador caiu 0,43%, ante abril, na série com ajuste sazonal. Quanto ao comportamento mensal das taxas do IPCA de comercializáveis, não-comercializáveis e monitorados, começa a se configurar tendência declinante da média móvel de três meses, como pode ser observado no gráfico nº 3. Aproximadamente 44% do IPCA de 0,53% de junho, abaixo dos 0,83% registrados em maio, reflete a deflação de não-comercializáveis que, por sua

vez, explicita que a demanda da economia ainda continua débil. Até a inflação de monitorados, que vinha apresentando tendência de aumento, começou a desacelerar a partir de março, quanto à média móvel de três meses passa de 0,98% para 0,83%. O IPCA de Comercializáveis tem sido pressionado pelo aumento dos preços das commodities e oscilação da taxa de câmbio. Os dados demonstram que, no balanço de riscos inflacionários, não há porque o mercado desancorar as suas expectativas de inflação para 2022. Seja em termos de sustentação da demanda doméstica, haja vista a elevada taxa de desemprego, perdas de rendimento com a inflação e maior endividamento das famílias; seja do ponto de vista fiscal, uma vez que a inflação contribuiu para a redução da relação dívida/PIB e ao diminuir a taxa de juros real afastou o temor de perda de controle do déficit público. O risco que há é de choques inflacionários provocados, principalmente, por aumentos de tarifas elétricas e neste caso aumento dos juros básicos tem pouca efetividade.

Gráfico nº 3 - Variação (%) do Índice nacional de preços ao consumidor-Amplo (IPCA) de Comercializáveis, não comercializáveis e monitorados - média móvel (três meses)- BCB - Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA



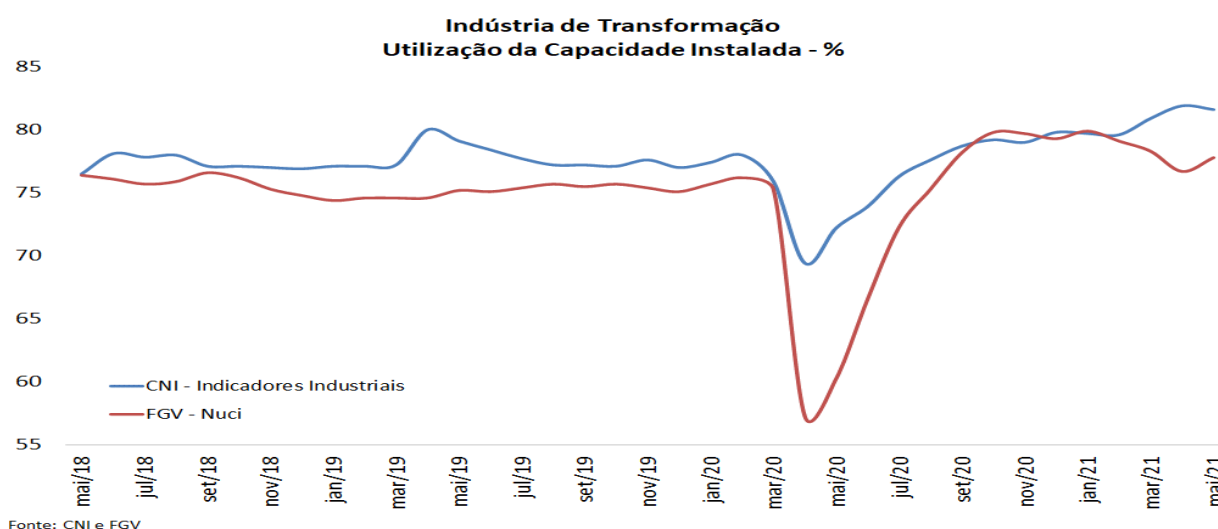
A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM MAIO DE 2021

A indústria brasileira em maio de 2021 registrou aumento na produção de 1,4%, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2020 a indústria aumentou em 24,0% na produção, abaixo do resultado de março quando cresceu 34,7% nesta métrica, em função do menor efeito base de comparação. Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), com o avanço da vacinação contra a Covid-19 no Brasil e no restante do mundo e a reedição do auxílio emergencial, as perspectivas para a recuperação industrial vêm se tornando mais positivas para os próximos meses, apoiadas em um dinamismo superior da demanda interna e das exportações, dada a reativação do comércio internacional. Todavia, mesmo com a alta de maio de 2021, vale observar que o nível de produção continua 3,1% abaixo daquele de dezembro de 2020, indicando que o presente ano ainda

pouco contribuiu para a recuperação da indústria. Apenas conseguiu retomar o mesmo patamar do pré-pandemia, isto é, de fevereiro de 2020, depois de ter superado esta marca em mais de 3% no final de 2020. Ainda segundo o IEDI, “a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, caiu seguidamente a partir de fev/21, chegando a 76,7% em abr/21, em linha com os resultados desfavoráveis da produção industrial aferida pelo IBGE. Em mai/21 voltou a mostrar alguma reação: 77,8%, em linha com a evolução positiva da produção industrial, segundo a mesma pesquisa. A tendência teve continuidade em jun/21, registrando 79,4%; um bom sinal para o setor no final do semestre”.

Variações da Produção Industrial - Maio 2021 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	1,4	24,0	13,1	4,9
Bens de capital	1,3	76,7	43,7	14,1
Bens intermediários	-0,6	18,1	10,9	5,8
Bens de consumo	1,5	27,0	11,7	1,8
Bens de consumo duráveis	-2,4	149,4	37,5	6,3
Semiduráveis e não duráveis	3,6	13,2	6,3	0,7
Extrativa Mineral	2,0	11,8	1,9	-1,5
Transformação	1,2	25,8	14,7	5,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria



INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA BRASILEIRA

Índice de Preço (%)	2020								2021				
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
IGP-DI	1,60	2,34	3,87	3,3	3,68	2,64	0,76	2,91	2,71	0,76	2,22	3,40	0,11
INCC-DI	0,34	1,17	0,72	1,16	1,73	1,28	0,7	0,89	1,89	0,7	0,9	2,22	2,16
IGP-M	1,56	2,23	2,74	4,34	3,23	3,28	0,96	2,58	2,53	0,96	1,51	4,10	0,60
IPC-M	0,04	0,49	0,48	0,64	0,77	0,72	1,21	0,41	0,35	1,21	0,44	0,61	0,57
IPA-M	2,25	3,0	3,74	5,92	4,15	4,26	0,9	3,38	3,28	0,90	1,84	5,23	0,42
INCC-M	0,32	0,84	0,82	1,15	1,69	1,29	0,88	0,93	1,07	0,88	0,95	1,8	2,30
IPC-FIPE	0,39	0,25	0,78	1,12	1,19	1,03	0,79	0,86	0,23	0,79	0,44	0,41	0,81
INPC	0,30	0,44	0,36	0,87	0,89	0,95	1,46	0,27	0,82	1,46	0,38	0,96	0,60
IPCA	0,26	0,36	0,24	0,64	0,86	0,89	1,35	0,25	0,86	1,35	0,31	0,83	0,53

Fonte: Ipeadata e Bacen

Indicadores do Cenário Externo			
Meses/ano	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Bre nt) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
jun/20	0,66	41,15	1.781,67
jul/20	0,53	43,30	1.975,89
ago/20	0,71	45,28	1.968,03
set/20	0,69	40,95	1.885,44
out/20	0,87	37,46	1.877,95
nov/20	0,84	47,59	1.777,02
dez/20	0,92	51,80	1.894,33
jan/21	1,07	55,88	1.747,13
fev/21	1,41	66,13	1.738,30
mar/21	1,74	63,54	1.768,54
abr/21	1,64	66,56	1.873,30
mai/20	1,58	69,32	1.788,35
jun/21	1,47	75,13	1.786,95

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/(FED)

Indicadores de Confiança II	
Meses	Risco Brasil
jun/20	370
jul/20	374
ago/20	322
set/20	323
out/20	316
nov/20	281
dez/20	263
jan/21	278
fev/21	276
mar/21	300
abr/21	286
mai/21	264
jun/21	370

Fonte: IPEADATA

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze Meses	Taxa de Juros Selic (%a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
jun/20	5,48	2,41	3,21	-0,77	3,22	2,15	-1,03
jul/20	5,20	2,40	3,17	-0,74	3,20	2,15	-0,99
ago/20	5,47	2,39	2,96	-0,55	3,14	1,90	-1,03
set/20	5,64	2,53	3,15	-0,60	3,37	1,90	-1,21
out/20	5,77	2,96	3,37	-0,40	3,92	1,90	-1,42
nov/20	5,33	3,06	3,59	-0,52	3,92	1,90	-1,63
dez/20	5,20	2,82	3,89	-1,03	4,52	1,90	-1,92
jan/21	5,48	3,44	3,45	-0,01	3,57	1,90	-1,50
fev/21	5,53	4,08	3,70	0,37	3,99	1,90	-1,74
mar/21	5,70	4,72	4,04	0,66	4,50	2,65	-1,34
abr/21	4,10	4,72	3,92	0,78	4,10	2,65	-1,22
mai/21	5,23	5,63	4,13	1,44	4,45	3,40	-0,70
jun/21	5,00	6,31	4,25	1,97	4,47	4,15	-0,10

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

**INDICADORES DE DESEMPENHO
PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO
DE ALAGOAS – FIEA**

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga Vilas Boas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

Coordenadora

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

Diagramação

Núcleo de Inovação e Pesquisa

Contato

nucleodeinovacao@ielal.com.br

(82) 2121-3079 | 2121-3085